

## Editorial

A exemplo do último, este número dos *Cadernos de Filosofia Alemã* inicia-se com o artigo de um professor alemão que esteve recentemente no Brasil, colaborando assim para o tipo de diálogo que também estes *Cadernos* procuram estimular. Trata-se de Heiner Klemme, da Bergische Universität Wuppertal, que nos brindou com um instigante artigo sobre a crítica de Kant ao *indifferentismus moral*, que, personificado em seu texto nas figuras de Crusius e Wolff – dois importantes interlocutores de Kant –, implicaria o risco, combatido por Kant, de uma má compreensão da liberdade enquanto causalidade da razão.

No artigo seguinte, também de um professor europeu – o suíço Olivier Voirol, da Universidade de Lausanne —, encontramos uma reflexão de grande atualidade acerca do modo como Honneth procura rearticular o tema habermasiano da esfera pública, em termos de uma luta por reconhecimento sem a qual a noção de autonomia perderia sua efetividade. Trata-se de uma questão fundamental no desenvolvimento da teoria crítica atual, objeto principal de Voirol, cujo diálogo com a filosofia brasileira é também bastante intenso.

O terceiro artigo do número, por sua vez, conduz os *Cadernos de Filosofia Alemã* a seu mais remoto *começo*, no que diz respeito ao escopo temático: um dos primeiros a escrever filosofia em alemão, Eckhart de Hochheim, ou simplesmente Mestre Eckhart, foi um dos grandes nomes da assim chamada escolástica dominicana alemã, na qual teria começado a formar-se, ainda no século XIV, uma verdadeira “cultura filosófica alemã”, no dizer de Alain de Libera. De Libera que é, ao lado de Jacques Le Goff, um dos medievalistas franceses discutidos no artigo de Rodrigo Guerizoli, que procura, a partir dessa discussão, esclarecer algumas noções do pensamento eckhartiano.

Da mística medieval alemã somos trazidos ao inconsciente do homem moderno: em seu artigo sobre o “Fragmento de uma análise da histeria”, Ana Carolina Soliva Soria desenvolve uma interessante reflexão acerca da relação estabelecida por Sigmund Freud entre a investigação clínica do psicanalista e a construção de uma teoria geral do funcionamento psíquico.

De um universo teórico não tão distante, podemos ler em seguida o artigo de Eduardo Nasser sobre a noção de morte em Nietzsche, procurando apontar para uma postura frente ao fenômeno da morte – a “morte voluntária” – que, resultante da reinterpretação nietzschiana da relação entre o homem e o tempo, constituiria um interessante contraponto à postura habitual do homem moderno frente a isso – a “morte covarde”.

Também sobre Nietzsche é o sexto e último artigo deste número: centrado na questão da linguagem, o texto de Marco Aurélio Werle procura mostrar a íntima relação existente entre os processos interpretativos e filológicos e a crítica feita por Nietzsche à metafísica ocidental, cujos pilares de sustentação seriam o direito e o sistema jurídico.

Já a seção de resenhas é aberta com um texto de Erick de Lima em que é analisado o livro *Sofrimento de indeterminação*, de Axel Honneth, que saiu no Brasil no ano passado com tradução de Rúrion Soares Melo. Fazendo um balanço do modo como Honneth procura reatualizar o pensamento hegeliano, a resenha chama atenção para o vínculo indissociável, estabelecido nessa reatualização, entre reconhecimento recíproco e socialização.

Na segunda resenha, por fim, encontramos uma interessante discussão, desenvolvida por Rúrion Soares Melo a partir de *A esquerda difícil*, último livro de Ruy Fausto, a respeito dos rumos tomados pela esquerda a partir dos anos 1990: basta questionar o paradigma da revolução pelo ângulo “reformista”, pergunta-se Rúrion, ou não seria necessário superar a dicotomia presente nessa velha disjuntiva “revolução” ou “reforma”?

Uma questão, diga-se de passagem, que parece fechar adequadamente este novo número dos *Cadernos de Filosofia Alemã*, uma publicação cujo principal intuito, não nos cansamos de frisar, está no incentivo a esse debate, vivo e atual, acerca das (não tão) velhas questões filosóficas.